

**Veja**

**24/10/1979**

**NORDESTE**

### **Más condições**

*Figueiredo não gostou do que viu*

O empresários e políticos nordestinos não ficaram inteiramente satisfeitos com a visita que o presidente João Figueiredo, acompanhado de onze ministros, fez a Recife, na quinta-feira da semana passada. "Eu estava esperando tanto e não veio nem o quanto", desabafou, por exemplo, o governador de Alagoas, Guilherme Palmeira. Menos amargo, o empresário João Santos, um habitual freqüentador de reuniões extraordinárias promovidas pela Sudene, admitiu que "o que ele falou já é alguma coisa". E completou: "Agora é esperar que cumpra o que disse para quebrar o tabu. O resto a gente consegue depois".

Também o presidente Figueiredo não retornou inteiramente satisfeito desta sua terceira viagem (a segunda, como presidente) ao nordeste. Depois de um diálogo extraprotocolo com um cortador de cana, no município de São Lourenço da Mata, ele confidenciou a um integrante de sua comitiva: "Não gostei do que vi". Na etapa seguinte de seu programa, Figueiredo foi até a favela do Coque, no Recife — por muitas décadas considerada a mais miserável do Brasil e que naquela ocasião recebia pela primeira vez a visita de um presidente da República. Ali, Figueiredo expressou com todas as letras seu descontentamento. "Acabo de ver de perto as condições em que vivem alguns de nossos companheiros que trabalham no corte da cana", disse ele aos favelados, num discurso também extraprotocolo. E completou: "Confesso aos senhores que não vim satisfeito de lá porque as condições em que encontrei aquela gente não me satisfizeram".

**OBJETIVOS SOCIAIS** — Nem só de descontentamentos, entretanto, compôs-se a visita presidencial. Convênios e protocolos vários, num valor total de 20 bilhões de cruzeiros, foram assinados entre o governo pernambucano e diferentes ministérios. Com especial agrado, empresários e políticos da região receberam a notícia oficial de que Figueiredo vai autorizar empresas públicas e de economia mista a aplicarem, de novo, 100% dos incentivos fiscais de seu imposto de renda nas empresas do nordeste e da Amazônia. Outra notícia animadora: o Fiset-Reflorestamento aplicará na região, compulsoriamente, 30% de seu orçamento em 1980, 40% em 1981 e 50% em 1982. E aos que reclamavam a volta dos tempos anteriores à criação dos fundos setoriais, quando os incentivos fiscais eram inteiramente destinados ao nordeste e à Amazônia, o pragmático usineiro João Santos ponderava: "Pelo menos o Figueiredo começa a nos devolver. Os outros presidentes só fizeram tirar".

De seu lado, também o presidente pôde se alegrar com a boa receptividade popular em todos os cantos por onde passou. Foi aplaudido por cerca de 30 000 pessoas no Estádio do Arruda, onde abriu os II Jogos Operários Global. Bebeu água de coco, à custa de um popular — "Essa eu pago, presidente" — na rua do Imperador. Entrou sob chuva de papéis picados no prédio da Sudene, onde discursou por 25 minutos para 500 empresários, políticos e técnicos especialmente convidados para a reunião extraordinária do conselho deliberativo. É certo que, ao contrário de outras visitas presidenciais, esta não deixou grandes resultados e promessas econômicas — daí as queixas e, principalmente, a frustração pela ausência do anúncio, muito esperado, da aplicação de 2 trilhões de cruzeiros no nordeste nos próximos cinco anos como noticiaram os jornais locais. Mas houve avanços importantes nos objetivos sociais, com a garantia da posse do terreno aos favelados nordestinos e casas e assistência previdenciária para os trabalhadores rurais.

